

Um herói de TV agita a campanha

O seriado norte-americano acabou, mas o herói — um policial careca, sempre com óculos escuros na testa — continua em circulação, pelo menos aqui no Distrito Federal. Kojak pulou da televisão brasileira para as ruas da Ceilândia e outras cidades-satélites, onde, ao invés de criminosos, procura eleitores. Por onde ele passa, a criançada logo reconhece o policial Ivan Batista Dias, candidato a deputado Federal pelo Partido de Mobilização Nacional (PMN), e grita seu nome.

O desejo de livrar-se de uma incômoda caspa e não o de imitar o herói da televisão foi o que levou Ivan Batista a raspar todo o cabelo, há 12 anos. Mas ele acabou gostando da careca e adotando, inclusive, o óculos ray-ban na testa, marca registrada do policial dos filmes. Hoje, toda semelhança não é mera coincidência, o que lhe vale o apelido de Kojak, seu nome de guerra e de campanha.

“Você quer chupar o pirulito do Kojak?”. Em meio a risos, a pergunta é freqüentemente feita pelos agentes 1.001 Claudeck e Gonçalo, que acompanham o corpo-a-corpo do candidato. Não é piada. O pirulito é o único brinde de sua campanha e atrai todas as crianças da rua. Elas correm ao avistar os carros pintados do candidato e fazem fila para ganhar o doce. Kojak distribui cerca de 5 mil pirulitos por dia e, de quebra, “santinhos” para os pais.

Como nem só de glórias vive um candidato, principalmente um candidato po-



Igualzinho ao Kojak

licial, Kojak enfrenta certos constrangimentos, em sua peregrinação pelos votos. “Sujeira” e “cana” foram dois recados transmitidos a ele, na Ceilândia, através dos gestos feitos por uma moça, maliciosamente, encostada ao muro de sua casa. Kojak freou o carro, desceu rapidamente — como se fosse efetuar uma prisão —, mas quis apenas conversar.

O diálogo foi amigável, mas não lhe rendeu votos: Maria Madalena perdeu todos os seus documentos, está sem título de eleitor e, portanto, não vai às urnas em 15 de novembro. “Mas vou a todos os seus comícios”, confessou. O candidato prometeu ajudá-la a se recadastrar, o que só poderá ser feito depois das eleições, “ganhando ou perdendo”. Saiu dali satisfeito — não sem antes deixar três pirulitos —, garantindo que 90 por cento das pessoas que já prendeu votam nele. “É porque sempre tratei todos bem”, explica.

Kojak confessa uma frustração: não estar no PT. “Tenho sangue de petista e só não estou nele por causa

dos burgueses que estão lá”, afirma. Difícilmente, no entanto, o partido dos seus sonhos concordaria com a principal bandeira do candidato, que é a adoção da pena de morte, ainda que para apenas os criminosos reincidentes que tenham cometido estupro, latrocínios ou tráfico de drogas (que Maria Marlene não ouça).

Pelas delegacias, ruas e casas vai passando a pequena caravana do Kojak. São apenas quatro carros — três deles emprestados —, quatro policiais — três deles aposentados —, o samba “Kojak já” e, principalmente, muitos sacos de pirulito. A recepção é sempre simpática e o candidato nunca pede votos. Toma muitos cafezinhos e fica a tarde toda com um pirulito na boca, que ele custa a chupar, até que joga pela janela, fora da vigilância dos eleitores.

“Pelo talento deste homem, pensei que ele tinha três metros de altura”, disse “seu Francisco, um” marceneiro da Ceilândia, que não perde um só programa do candidato pelo rádio. Há muito, ele esperava conhecer o policial pessoalmente. Kojak foi visitá-lo, conheceu a marcenaria, toda a família e deixou vários cartazes. Na conversa, contou muitos dos seus casos, mas não discutiu um só tema constituinte. “O senhor fala a verdade, não tem medo de denunciar todo mundo, até mesmo o Rieth, e terá meu voto e de toda minha família”, prometeu “seu” Francisco, aceitando todos os cartazes para colocar em sua casa.